

## POR UMA ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS INFANTIS NA ESCOLA<sup>1</sup>

Flávia Martinelli Ferreira,  
Faculdade Anhanguera de Campinas - SP (FAC)

### RESUMO

*O trabalho teve como objetivo central compreender o cotidiano das crianças nas aulas de educação física junto a uma turma de primeiro ano. A pesquisa de cunho etnográfico evidenciou que as práticas corporais vivenciadas apresentam modos de indicar as compreensões das crianças com relação ao proposto. Conclui-se que apresentam uma nova lógica, mais condizente com o universo infantil, nas formas de transgressões, resistências e subversões, só compreendidas a partir do estudo das culturas infantis.*

*PALAVRAS-CHAVE: educação física; culturas infantis; práticas corporais.*

### INTRODUÇÃO

Instituições educacionais, como a escola, são entendidas como espaços marcados por seus usos cotidianos, pela subjugação às normas e regras estabelecidas, como constantes tentativas de garantir as diferenças que transformam em singulares estes espaços e suas relações sociais (DAYRELL, 1996). Produzidas nestas relações sociais, entendemos que todas as ações das crianças podem significar formas de explicitar seus entendimentos sobre as dinâmicas culturais do mundo social que as constitui. Os estudos sobre a infância e as pesquisas com crianças estão cada vez mais presentes no campo científico. Com isso, as crianças têm nos auxiliado a compreender diferentes temas que circunscrevem os campos da educação e da educação física.

Isto posto, o presente trabalho teve como objetivo central compreender o cotidiano das crianças a partir das culturas infantis estabelecidas nas aulas de educação física de uma turma de primeiro ano da escola municipal Violeta Dória Lins, na cidade de Campinas – SP. De tal maneira, observamos como as crianças conferem sentido às práticas corporais nos espaços e tempos destinados à educação física, examinando os significados que envolvem ações e transgressões das crianças.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Diferenciando-se das fases de elucubração a respeito da natureza infantil, do “ofício de aluno” (SIROTA, 2001, p. 16), de autonomia relativa, das múltiplas possibilidades de construção da infância, é possível vislumbrarmos uma perspectiva socioantropológica que contribui com o entendimento da infância e das crianças como atores sociais.

Com a tarefa de considerarmos as crianças como atores sociais em sentido pleno e não como seres ainda em construção, nos desafiamos a questionar o que as crianças criam em seus espaços e tempos de socialização. Neste sentido, as crianças são entendidas como produtos e produtores de culturas, acordo este que se distancia de proposições clássicas a respeito da infância. Por não ser um elemento natural ou universal dos grupos humanos, a infância deve ser tomada como um componente tanto estrutural quanto cultural das sociedades (JAMES; PROUT, 1997)

Deste modo, a cultura escolar e as culturas infantis foram tomadas como um conjunto de textos que tentamos ler e compreender para, pelo menos, ordenar estes temas em uma estrutura que organiza a vida social das crianças. Esta possibilidade de análise, para Geertz (2011), tem um papel interpretativo e menos o intuito de professar fórmulas redutivas que justifiquem estas organizações. O percurso metodológico<sup>2</sup> adotado objetivou a elaboração de uma etnografia com vinte e seis crianças do primeiro ano do ensino fundamental. Para tanto, compõem esta pesquisa os momentos de entrada e saída da escola, as aulas de educação física, o recreio, as festividades, oficinas de construção de brinquedos e de elaboração de desenhos, entre outros momentos. Este trabalho, portanto, é fruto de um esforço que reúne aproximadamente de 251 horas de pesquisa com as crianças, ao longo de um ano letivo escolar.

## AS PRÁTICAS CORPORAIS INFANTIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nas análises empreendidas neste trabalho, descreveremos a ordem social emergente das crianças, quer seja, os arranjos tramados pelas crianças na ocupação dos espaços e tempos relacionados à educação física. O corpo das crianças, neste ínterim, é materializado quando

---

<sup>2</sup> Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Éticas em Pesquisas do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, nº CAAE: 73351917.7.0000.5540.

ocupa determinados espaços e não outros. Com isso, a própria construção cultural do corpo das crianças delimita e é delimitada a partir dos espaços e tempos que elas ocupam.

Os espaços projetados, portanto, podem ser entendidos tanto a partir de sua materialidade quanto por meio das regulamentações que eles impõem às crianças (BUSS-SIMÃO, 2012). Para articular a ordem social adulta e a emergente, os professores e professoras podem propor situações que favoreçam a divulgação dos entendimentos das crianças, sugerindo um trato pedagógico aos conhecimentos próprios das culturas infantis que derivam da construção cultural do corpo das crianças (FERREIRA; DAOLIO; ALMEIDA, 2017).

A transgressão, neste sentido, é uma marca fundamental da infância. São estas ações que orientam as crianças a julgar se as coisas são razoáveis ou não, a partir de seus entendimentos e não apenas da ordem que institui o mundo adulto (ITURRA, 1992). As crianças rebelam-se, negam, zangam, mudam e com isso criam um mundo próprio a partir do que recebem e redimensionam. Não se trata somente de uma desobediência, mas de buscar compreender aquilo que lhe é solicitado, em um universo adulto já estabelecido e dotado de regras e normas (ITURRA, 1992). Isso significa que as crianças criam seus próprios modos de ver e compreender o mundo, criando o seu próprio.

A seguir, descreveremos um episódio escolhido para exemplificar as observações e análises empreendidas. Em uma das aulas de educação física, o professor organizou um circuito de experimentações para as crianças. As etapas envolviam saltos na corda, a brincadeira de amarelinha e chutes a gol. Como explicado pelo professor, os chutes a gol tinham como objetivo permitir que os alunos jogassem futebol de maneira mais organizada, pois, ainda não conseguiam participar de um jogo formal. Os chutes a gol eram a estação mais ocupada pelas crianças, que prontamente desfizeram a organização inicial do professor para que os três grupos tivessem praticamente o mesmo número de crianças. Por fim, quatro meninas, com a minha ajuda, usaram o tempo da aula para brincar de corda e as crianças envolvidas com a amarelinha mudaram para a estação de chutes a gol.

Os chutes eram alternados entre dezesseis crianças, que se revezavam para chutar ou defender os chutes. No início da atividade, as crianças organizaram uma fila no meio da quadra e o responsável pelo chute segurava a bola com as mãos, posicionava na marca do pênalti e chutava. Poucos chutes depois, começaram a conduzir a bola até a marca com

pequenos chutes e corridas – o que tornava o processo mais lento, mais interessante e parecido com o futebol.

Quando os chutes eram defendidos ou acertavam o gol, logo a bola era recolhida pelo goleiro e devolvida – com outro “chutão” – para o centro da quadra. As crianças descobriram que as buscas poderiam ser mais interessantes que os próprios chutes a gol organizados na aula. Henrique correu rapidamente para buscar a bola no campo de futebol como se vivesse toda a alegria de um jogo de futebol que acontecia, na aula, sem acontecer de fato.

Nos próximos chutes, pareciam querer acertar com maior empenho as bolas no parquinho ou no campo de futebol do que no próprio alvo. Eram os chutes “tortos” que permitiam a eles correr para buscar a bola, além de experimentar outros chutes antes de devolvê-la ao próximo colega. A busca pela bola tornou-se tão interessante que a cada chute, três ou quatro crianças disparavam na corrida para buscá-la, ainda que isso lhes custasse o lugar na fila da atividade.

No momento em que muitas crianças começaram a correr ao mesmo tempo para buscar a bola, para organizar melhor o retorno aos lugares, as crianças que corriam para buscar a bola eram quase sempre os próximos a chutar, acompanhadas, no máximo, do segundo ou terceiro da fila. Esta negociação foi feita entre as crianças quando o professor identificou que a atividade estava muito bagunçada, sugerindo que as crianças esperassem sentadas na fila. As filas longas também foram amenizadas quando a atividade de chute a gol foi dividida em duas filas – uma para cada gol. Em grande parte, os chutes de um lado da quadra iam para o parquinho ou para uma parte do campo de futebol. Na outra estação, os chutes foram rapidamente direcionados a um barranco que permitia a bola rolar até o campo de futebol.

Com o relato deste episódio, identificamos que o uso dos espaços pode não ser compreendido – como proposto – pelas crianças, pois reflete uma lógica que não é a deles. Embora a indicação do lugar adequado ao longo das atividades seja por vezes acatado pelas crianças, estas também sinalizam para uma resistência com relação ao proposto com a partir de distintas práticas corporais. Como as crianças não ocupam os espaços obedecendo sempre às regras estabelecidas, entendemos que as práticas corporais são uma via de análise do entendimento produzido e socializado pelas crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de cunho etnográfico, proposto neste trabalho, sugere a imersão e análise cuidadosa da cultura escolar, pois, somente a partir das indicações e indagações geradas nesse processo, é possível elaborar um planejamento que atenda às demandas específicas e às situações significativas do contexto. Deste modo, observar a cultura escolar e as práticas corporais realizadas pelas crianças na escola, pode contribuir com um projeto pedagógico que privilegia as produções culturais infantis em processos educacionais.

O que percebemos em alguns episódios das aulas de educação física como no exemplo aqui relatado são as culturas infantis produzidas a partir de um olhar crítico que nos apresenta o avesso da ordem das coisas (KRAMER, 2003). Isso significa afirmar que as formas de resistência apresentadas pelas crianças podem ser maneiras de indicar suas compreensões com relação ao que está sendo proposto. Para subverter a ordem, portanto, as crianças precisam compreender, em primeiro lugar, a lógica envolvida na atividade proposta. Posteriormente, apresentam uma outra lógica, mais condizente com o universo infantil, nas formas de transgressões, resistências e subversões.

## FOR AN ETHNOGRAPHY OF CHILDREN'S BODILY PRACTICES AT SCHOOL

### ABSTRACT

*The main objective of this study was to understand the daily routine of children in physical education classes in a first grade class. The ethnographic research evidenced that the bodily practices experienced ways of indicating comprehensions of the children in relation to what is proposed. It is concluded that they present a new logic, more consistent with the children's universe, in the forms of transgressions, resistances and subversions, only understood through the study of children's cultures.*

**KEYWORDS:** *physical education; children's cultures; bodily practices.*

## SOBRE UNA ETNOGRAFÍA DE LAS PRÁCTICAS CORPORALES DE LOS NIÑOS EN LA ESCUELA

### RESUMEN

*El trabajo tuvo como objetivo principal comprender la vida cotidiana de los niños de primer año en las clases de educación física. La investigación etnográfica evidenció que las prácticas corporales experimentadas presentan formas de indicar las comprensiones de los niños en relación a lo propuesto. Se concluye que presentan una nueva lógica, más consistente con el universo infantil, en las formas de transgresiones, resistencias y subversiones, sólo entendidas desde el estudio de las culturas infantiles.*

*PALABRAS CLAVE: educación física; culturas infantiles; prácticas corporais.*

### REFERÊNCIAS

BUSS-SIMÃO, M. A dimensão corporal entre a ordem e o caos: espaços e tempos organizados pelos adultos e pelas crianças. *In: ARROYO, M. G.; SILVA, M. R. da (Org.). **Corpo-infância**: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos.* Petrópolis: Vozes, 2012. p. 259-279.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. *In: DAYRELL, J. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.*** Belo Horizonte: UFMG, 1996. p.136-161.

FERREIRA, F. M.; DAOLIO, J.; ALMEIDA, D. F. Da cultura do corpo das crianças: diferenças e significados produzidos nas aulas de educação física. **Movimento**, v. 23, n.4, p. 1217-1228, out./dez. 2017.

ITURRA, R. O jogo e a experimentação pessoal na infância: uma hipótese exploratória. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano XXVI, n. 3, p. 493-501, 1992.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

JAMES, A.; PROUT, A. A new paradigm for the sociology of childhood?: provenance, promise and problems. *In: JAMES, A.; PROUT, A. **Constructing and reconstructing childhood**: contemporary issues in the sociological study of childhood.* London: Routledge, 1997. p.7-33.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. *In: KRAMER, S.; BAZILIO, L. C. **Infância, educação e direitos humanos.*** São Paulo: Cortez, 2003. p.83-106.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, Florianópolis, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.